

MIAMI

A PARTIR DE

\$609

Ida e volta
Tarifa em USD
Inclui encargos

Válida até 30/04/2015

RESERVE AGORA

American Airlines



Links Patrocinados

1 Segredo Nunca Revelado
Supersegredo de Ana Paula
Padrão! Os fãs estão totalmente chocados.
fancybeautyspa.org/ana-paula

5 alimentos proibidos :
Se não comer esses 5 alimentos, você pode perder gordura todos os dias.
clubeslimdown.com

R\$29 - Passagens Aéreas
Passagens aéreas baratas
online! Reseryas de passagens aéreas.
edestinos.com.br

SITES DE COLUNISTAS

Ancelmo Gois
Big Blog
Fernando Moreira
Jorge Bastos Moreno
Mauro Ventura
Miriam Leitão
Patricia Kogut
Renato Maurício Prado
Ricardo Noblat

BOA CHANCE

Blog Verde
Conversa de elevador
Educação lá fora
Inteligência Empresarial
Vagas abertas

CIÊNCIA

Blog Verde
Nosso planeta
So Ciência

CULTURA

A literatura na poltrona
A pequena leitora
Amplificador
Animação S.A.
Arnaldô Blog
Blog do Bonequinho
Diário do escritor
Fabrício Carpinejar
Juares Becoza
Liquidificador
Overdubbing
Papo série
Ronald Villardo
Saideira
Ultimatum

ECONOMIA

Dois dedos de colarinho
Educação lá fora
Foco

Busca por palavra-chave:

Buscar



Enviado por O Globo - 21.09.2013 | 07h50m

Objetos verbais não identificados: um ensaio de Flora Süssekind

Enquanto mercado e crítica privilegiam formas homogêneas e estáveis, afirmam-se na literatura brasileira contemporânea experiências com multiplicidades de vozes e registros. Autores que trabalham com 'formas corais', em obras onde se cruzam falas, ruídos e gêneros, conectam-se a uma linhagem instabilizadora da literatura brasileira e à produção recente de cinema, teatro e artes plásticas. Assim, contrapõem-se a movimentos atuais de reafirmação de poéticas tradicionais e de reforço ao que pesa no mercado

Por Flora Süssekind*



Antes mesmo da eclosão das jornadas de junho, e das manifestações ainda em curso no país, um conjunto significativo de textos parece ter posto em primeiro plano uma série de experiências corais, marcadas por operações de escuta, e pela constituição de uma espécie de câmara de ecos na qual ressoa o rumor (à primeira vista inclassificável, simultâneo) de uma multiplicidade de vozes, elementos não verbais, e de uma sobreposição de registros e de modos expressivos diversos. Corralidades nas quais se observa, igualmente, um tensionamento propositado de gêneros, repertório e categorias basilares à inclusão textual em terreno reconhecidamente literário, fazendo dessas encruzilhadas meio desfocadas de falas e ruídos uma forma de interrogação simultânea tanto da hora histórica, quanto do campo mesmo da literatura. E que não à toa conectam este campo a outras áreas da produção cultural. A produção cinematográfica recente — basta lembrar, por exemplo, a presença

Prosa & Verso

A versão digital do suplemento literário de O Globo

prosaonline@oglobo.com.br

Reconheça

Escolha

Outras prosas

[Arts & Letters Daily](#)

[Bookslut](#)

[Guardian Books](#)

[La Nación - Cultura](#)

[Le Monde Livres](#)

[London Review of Books](#)

[New York Review of Books](#)

[New York Times Books](#)

[Portal Literar](#)

[The Paris Review](#)

Estante digital

[Estante virtual](#)

[Internet Book List](#)

[LibriVox](#)

[Pesquisa de livros do Google](#)

[Project Gutenberg](#)

[Tell a tale weekly](#)

[The Online Books Page](#)

[Traça Online](#)

Novos

[Bestiário](#)

[Caixote](#)

[Cronópios](#)

Outros Blogs

[A literatura na poltrona](#)

[Impressões de um observador literário](#)



[Gibizada](#)

[As histórias em quadrinhos no seu devido lugar](#)

[Outros Blogs](#)

George Vidor
Inteligência
Empresarial
Jean-Paul Prates
Na base dos dados
Na hora do cafezinho
Qual é o meu direito?
Sociedade Anônima
Vagas abertas
Você Investe
Wagner Victor

EDUCAÇÃO

Amanhã no Globo
Educação a Brasileira
Educação lá fora

ELA

Catavento
Ela de batom
Ela Decor
Ela Front
Ela Moda
Ela Por Ai
Ela A
Luciana Fróes
Luiz Horta
Magenta
Milão
Nova York
Paris
Toquio

ELEIÇÕES AMERICANAS

Lá fora

ESPORTES

A pelada como ela é
Blog do Mansur
Blog do Paulo Cezar
Caju
De Bike
Deu zebra
MMA
Planeta que rola
Pulso
Radar Olímpico
Radicais
Top Spin

MUNDO

Blog do Lampreia
Brasil com Z
Em cartaz na web
Lá fora
Quebec plural
Sushi de banana

PAÍS

Blog do Merval
Blog Verde
Educação a Brasileira
Ilmar Franco
Na base dos dados
Preto no branco
Traduzindo o
juridiquês

RIO

Anotando Gente
Blog de Bamba
Blog do Besserman
Blog do Zeca
Blog Emergência
Blog Verde
Brasil do B
De Bike
Design Blueprint
Favela Livre
Gente Boa
Juarez Becoza
Marceu na Lapa
No Front do Rio
Nosso blog já tá na
rua
O chope do Aydano
Plumas, paetês e um
pouco mais
Rebimboca Online
Repinique
Rio, a beleza e o caos
Saideira

RIO SHOW

A literatura na
poltrona
Animação S.A.
Jam Sessions
Juarez Becoza
Nosso blog já tá na

sonora do mundo em filmes como "O som ao redor", de Kleber Mendonça Filho, ou "A alma do osso", de Cao Guimarães, pautados, respectivamente, na escuta da cidade e do silêncio. A atuação de coletivos artísticos, como o Chelapa Ferro e seus experimentos com a arte sonora. A reinvenção do coro no teatro brasileiro das últimas décadas, como no trabalho de José Celso Martinez Corrêa ("neste milênio egoico, competitivo, de fim do neoliberalismo (...) um trabalho imenso reencontrar essa matéria coral") e do Teatro Oficina Uzyna Uzona no sentido de coros-protagonistas. A ele se acrescentando a ação de grupos, como o XIX ou o Teatro da Vertigem, ou alguns trabalhos pontuais (como "Labirinto", versão de Moacir Chaves e da Cia Alfândega 88 para dois textos de Qorpo Santo). Ou, ainda, a ação de companhias no sentido de outros modos, expansivos, de associação e troca de experiências (como o Coletivo Improviso), ligados com frequência também a diálogos diversos com o espaço urbano (envolvendo por vezes, como em "Não olhe agora", intervenções bastante breves, e em lugares pré-definidos).

Não que não haja outras irrupções de modos corais na cultura literária brasileira. Com frequência, ligadas a certa instabilização das formas e do campo cultural de modo geral. Lembre-se, nesse sentido, da dramatização interna em "O Guesa", por exemplo. Um adensamento sonoro de tal ordem que parece tornar insustentável qualquer horizonte ideal de univocidade. Lembre-se, igualmente, dos recortes de vozes em Oswald de Andrade, da composição por colagem de "O homem e o cavalo", e da produção dos anos 1920 de modo geral, momento de redefinição da prática literária no país. Assim como o momento da Tropicália, que talvez possa ser pensado em seu diálogo interartístico, em suas operações coletivas, todo ele, como uma forma de intervenção coral. Assim como as vozes polimorfas em Francisco Alvim, o desdobramento do poema em várias materializações, como acontece na obra de Augusto de Campos, ou a belíssima dramatização interna da poesia de Carlito Azevedo, em especial depois de "Versos de circunstância".

A alguns dos textos dos últimos anos que trabalham com uma lógica coral talvez se pudesse associar a expressão "objetos verbais não identificados", empregada por Christophe Hanna ao tratar dos processos, dos contextos e do funcionamento crítico de certos experimentos literários de difícil classificação. De difícil enquadramento, sobretudo, quando o seu campo de inserção parece reforçar não a especulação, mas a classificação, e os dispositivos institucionais, as normatividades, eixos conceituais ou interpretativos que privilegiam homogeneização, estabilidade, expansão controlada.

Nas formas corais, há uma interrogação

simultânea tanto da hora histórica quanto

do campo mesmo da literatura

Contrastem-se a essa preferência pelo identificável os deslocamentos operados por essas formas corais. Dentre as quais destacam-se a produção recente de André Sant'Anna (mesmo em monólogos mínimos, como "Comentário, na rede, sobre tudo o que está acontecendo por aí"); a de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira ("As visitas que hoje estamos"); Veronica Stigger (de que é particularmente exemplar, nessa linha, "Delírio de Damasco"); Beatriz Bracher ("Não falei", "Antonio", "Cloc, Clac (o velho, o bebê, você, ela e eu)"). Exemplos aos quais se poderiam acrescentar o desdobramento de estados de exceção, o eco interno de ditaduras, que constitui (entre o ensaísmo, o comentário crítico, o testemunho, a ficção) um livro que estranhamente não encontrou ainda recepção mais vasta como "História natural da ditadura", de Teixeira Coelho. Ao lado do trabalho em registro duplo (plástico/verbal) de Lourenço Mutarelli (visível, nas invasões gráficas de "A arte de produzir efeito sem causa"; e suposto, na série de maços de cigarro de "O natimorto"), da bela flutuação de vozes por meio das quais se arma (entre erros geográficos e acasos fundamentais) o poema-relato de viagem que é "Engano geográfico", de Marília Garcia. Além, é claro, de Nuno Ramos, em cujo trabalho, para além da dobra estrutural entre modos meditativo e narrativo num livro como "O", há toda a série de "Falas", algumas das quais composições explicitamente corais que se ouvem em suas instalações plástico-sonoras.

Não deixa de ser curioso observar, nesse sentido, em comentários voltados para a produção atual, a resistência a por em xeque poéticas "incapazes de compreender o radicalmente novo" (Hanna). Mesmo brevemente, talvez seja o caso de mencionar dois textos divulgados recentemente em O GLOBO, no Segundo Caderno. Como a defesa da profissionalização do escritor e de uma expansão do mercado literário brasileiro, por parte de Luiz Ruffato, sem que esse elogio de um lugar profissional de atuação indique que "lugar" é esse e o que significa ocupá-lo. Tal defesa não parece envolver uma discussão mais ampla sobre o que sustenta essas inserções, sobre o critério de "obra bem feita", com temática autojustificada, e sobre o respeito a modelos textuais passíveis de reaplicação pouco problemática que parece guiar a possibilidade da manutenção de contratos com grandes editoras e com o mercado externo. O que parece explicar, por outro lado, a perda de vigor de tantos escritores que, por vezes, em seu período de formação, pareciam capazes de por à prova os padrões de inteligibilidade e interferência disponíveis na vida cultural. É curiosa, igualmente, a ressurreição velada da "literatura como representação especular", apoiada em visão finissecular das noções de ponto de vista e de gênero literário, e numa compreensão sem ambiguidades, sem complexidade, de literatura mesmo (vista como território afirmativo, homogeneizador, pautado por leitura temática e por coesões identitárias — nação, gênero, classe etc.), como sugeriu Regina Dalcastagnè. Nesse sentido, as formas corais, muitas delas propositadamente desfocadas, muitas envolvendo múltiplas formas de refiguração material (não adaptações) ou uma suspensão propositada da formalização, criam um problema para esforços de encaixe crítico imediatos e sem ajuizamento (pois a alocação das obras só prescinde de análise se as "gavetas" de armazenamento se mostrarem inalteráveis), para compreensões restritivas de literatura que

rua
Ronald Villardo

parecem não ir além de oposições binárias sistêmicas como as que opõem ficção e testemunho, sequencialidade e fragmentação, construtivo e expressivo, e assim por diante.

SOCIEDADE

A pequena leitora
Cat
Educação em
evidência
Eu, você e Irene
Mãe, eu quero
Roberto Cooper
So Ciência

Mesmo num texto com outra amplitude de observação, como "A literatura exigente", de Leyla Perrone-Moisés, divulgado na "Folha de S. Paulo" em 25 de março de 2012, que aponta rachaduras relevantes no campo literário, estas se veem reduzidas, porém, a contraste talvez simplificador entre literatura de entretenimento e literatura exigente, de proposta. E a uma definição de "exigência" regulada por generalizações temático-estilísticas (desconfiança, meias palavras, resíduos, ausência paterna) capazes de juntar, num mesmo grupo, obras de fato exigentes, autores para os quais cada processo de formalização é igualmente problemático, e outros cuja aparente experimentação é apenas uma espécie de prêt-à-porter literário baseado em técnicas já mais do que assimiladas, compradas prontas.

TECNOLOGIA

Animação S.A.
Beta
Beto Largman
Cat
Em cartaz na web
Inclusão Digital
Nas Redes
Overdubbing
Segurança Digital
Sem dúvida
Social e casual

Produção complexa em meio

a uma retomada de linhas regressivas

no meio literário brasileiro

VERÃO

Nosso blog já tá na
rua

Leyla Perrone sublinha, no entanto, um movimento de diferenciação. O que é importante inclusive para se compreenderem movimentos reativos de reafirmação de poéticas tradicionais ou de reforço ao que pesa no mercado. Pois, de fato, se parece assistir, nos últimos anos, a desestabilizações consecuentes que não se tem conseguido neutralizar. E que se contrapõem ao esforço de reinstitucionalização, de retomada de linhas regressivas de continuidade na cultura literária brasileira (dentre elas, naturalismos simplistas, testemunhos empáticos, inventários de tipos, usos e costumes, o poema como técnica pré-definida), o que se fortaleceu curiosamente ao mesmo tempo em se desenhava, no plano político, o movimento de redemocratização do país. O que se pode perceber, no entanto, é que está em curso uma complexificação da produção, processo a que talvez não se tenha dado ainda, na mesma proporção, uma resposta crítica e conceitual suficientemente vigorosa.

VIAGEM

Blog de Bordo
La fora

Daí, talvez, em várias dessas obras, explicitar-se, de saída, uma resistência a qualquer captação formal mais imediata. E o que anunciam as epígrafes de "As visitas que hoje estamos", de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira: "as vozes todas num ouvido só" (anônimo), "o romance é uma espécie de coral de surdos-mudos em que autor e leitores imaginam ocupar a posição do corifeu" (anônimo), "com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum" (Machado de Assis). E evidente, aí, uma espécie de figuração informe de vozes distintas, inclusive regionalmente distintas, algumas evocando um universo interiorano, outras explicitando sua extração citadina. Trata-se, em geral, de monólogos intencionalmente pela metade, pedaços de vida que parecem dialogar uns com os outros. Mas se há essa explicitação coral, por outro lado, o texto inteiro do livro oferece, ainda, outro inventário. O livro se afigurando uma compilação de formas narrativas, de exercício com o aforismático, com o poema breve, com o diálogo teatral, a rubrica, o emblema. Parte desses textos envolveria autores fictícios — um com o nome do escritor, mas outro sobrenome (Levi), que descreve uma página do romance ("Ninguém escreveu isso") como capa do seu, e o outro, Eusébio Sousa, autor defunto de um conjunto de sofismas e de uma peça, movida pelo incesto e por referência constante ao universo rodrigueano, talvez a sequência narrativa mais longa, e mais próxima de alguma conclusão, de todo o livro.

A exposição do entroncamento problemático do rural e do urbano, "de duas realidades que são uma só", um esforço de releitura da tradição narrativa brasileira, e de contraponto entre compilação e esgarçamento, marcam "As visitas que hoje estamos". O que levaria Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira a revisitar Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Nelson Rodrigues, Francisco Alvim, em exercícios de evidente retomada, mas indescartável incompletude, observando-se, a cada um, certa nostalgia de formas que, já se sabe, não se podem empregar a não ser como relíquias. O coro apontando, ao mesmo tempo, assim, tanto para certa aspiração comunitária (desmentida em pequenas maldades aqui e ali), para a abrangência ansiada do painel social, quanto para os limites de um épico que engenhosamente se esboça e inevitavelmente se esgarça e teatraliza.

O livro recém-lançado de Bernardo Carvalho, "Reprodução", também já abre com duas referências diretas (e conflituosas) a uma escritura vocal. "Para aumentar seu saber, escute o que dizem os outros" e "Só ouvimos o que escutamos e só escutamos o que nos interessa": a segunda epígrafe anulando ironicamente a ideia de uma escuta vasta, desinteressada, exposta pela primeira. Anulação ampliada, ainda, ao longo do relato, pelo caráter pouco lúcido e reacionário do monólogo do protagonista, um estudante de chinês detido durante um check-in pela Polícia Federal, e cuja lógica parece moldada pelos "comentários, na internet, sobre tudo o que está acontecendo por aí". Evidencia-se, nesse livro, interlocução intencional com o trabalho de André Sant'Anna, cujo interesse Bernardo foi dos primeiros a perceber. Em particular com alguns dos narradores que André chama de "famosos anônimos imbecis", e que definiu, certa vez, como "aqueles que antes viviam escondidos, mas que, agora, com a internet, acham que têm opinião própria e viram comentaristas de sites, blogs etc., sempre repetindo opiniões formadas, opiniões imbecis normalmente". E essa voz do lugar comum, de uma fração frequentemente conservadora, autoritária, preconceituosa, racista, misógina, da opinião pública, que funciona como uma espécie meio assustadora de figuração coral da maioria silenciosa nos textos de André Sant'Anna. E que ecoa em textos-monólogos como "Rush", "O importado vermelho de Noé", mas também em narrativas mais longas, como "Sexo", livro movido por uma espécie de máquina textual de clichês, tensionada, porém, por uma



construção rítmica difícil e pautada, toda ela, em listas de repetições incansáveis, de expressões formulaicas e tipificações diversas às quais se anexam mínimos fiapos de enredo, mínimos mesmo.

**Esforço de figuração de dimensão
coletiva, a que talvez não se tenha
dado ainda resposta crítica vigorosa**

Há, pois, nesse contraponto entre lugar comum e ritmo exigente, uma estruturação segundo a qual a coralização não se define apenas via voz plural, anônima, como a princípio se poderia supor, observando os textos de André, mas, especialmente, via decalagem, repetição quase igual, mas submetida a pequenas variações internas, um conjunto-em-diferenciação de segmentos quase idênticos. Há economia rítmica igualmente exigente, estrutural, pautada numa voz, nas inflexões de uma voz, só que, desta vez, elusiva e individualizada, em "Engano geográfico", de Marília Garcia. Um poema-relato em que se vai do "ele diz", "ela diz", do "ouve uma mulher dizer", a uma tensão constante entre a primeira e a segunda pessoas verbais, entre declarações ("acabo de ver d'est", "tudo é opaco de um trem a 300 km/h"), hesitações ("falar falar falar/mas sobre o que se pergunta"), interrogações ("lembra daquela vez?", "o que foi fazer ali pergunta", "o que foi fazer no centro do mundo se pergunta"). Um livro no qual, como no anterior, "20 poemas para o seu walkman", Marília Garcia, tendo a voz e a escuta como horizontes de escritura, realiza exercícios narrativos que talvez devessem ser

lidos com mais atenção, fora do âmbito da poesia também. Agora de extensão mais vasta, amplia-se, no poema, o jogo de deslizamentos (geográficos, focais) e porosidades (uma cidade em outra, vozes múltiplas numa voz) por meio do qual, mais do que o percurso, é um reajuste constante de entonação e de percepções que empresta configuração dinâmica a essas observações.

Em "O natimorto", de Lourenço Mutarelli, é uma forma-mercadoria que se apresenta simultaneamente como enunciação coletiva e oráculo (a sucessão de pacotes de cigarro, e de advertências sanitárias e ilustrações médicas desastrosas que as acompanham) e com a qual dialoga tanto a sucessão de relatos em primeira pessoa do protagonista (um agente musical que interpreta à sua maneira as advertências, como se fossem quase cartas de tarô), quanto a sequência de diálogos entre ele e sua protegida (também fumante), a cantora cuja voz não soa. E é via sucessão de cigarros (e de ilustrações) e via alternância discursiva (entre texto-propaganda, descrição imagética, relato pessoal e conversa a dois ou a três) que se constrói — como vaivém entre pequenos fios verbais — um dos melhores textos de Mutarelli, no qual converte em dobra narrativa o que, em geral, constitui um processo de composição em diferentes linguagens (gráfico-verbal), como costuma ser o seu nas histórias em quadrinhos. Mas não aí. Aí isso se insinua, mentirosamente.

Há, também, transferência material em "Delírio de Damasco", de Veronica Stigger, que foi originalmente uma exposição de parte dos textos compilados no livro, realizada, em 2010, em tapumes da unidade 24 de maio do SESC São Paulo. Se o caráter verbal dos fragmentos de conversa ouvida ao léu, das frases recortadas ou inventadas, é semelhante na mostra e no livrinho, da dimensão minúscula da publicação parece emergir a ideia de uma apropriação meio secreta, indevida, fantasiosa às vezes, do rumor da rua. O que assinalam, mais uma vez, de cara, as epígrafes à beira do contraditório — sobre o que a frase ouvida casualmente conteria de presságio (De Quincey) e o comentário de Oswald — "A gente escreve o que ouve — nunca o que houve". Livro composto inteiramente de vozes, que dialoga, assim, tanto com as apropriações oswaldianas, quanto com a poesia coral de Francisco Alvim. E assinala um processo de composição via ready-made — como é o seu em "Destinos" (extraído das linhas de ônibus paulistas) ou "Luana", de "Gran Cabaret Demenzial", em toda a seção "Histórias da Arte" de "Os anões", nos reclames, conselhos caseiros, ilustrações de época que irrompem, vez por outra, em "Opisanie Swiata", e se mantêm ali, soltos, desencaixados, quase coisas, como Bopp, o senhor Andrade, Opalka, cujo decalque obrigatório cria uma espécie de relevo, de rugosidade, em narrativa enganosamente ligeira, plana.

No trabalho de Nuno Ramos, as apropriações não tendem propriamente ao decalque — derretem, afundam, colidem, esfacelam-se. Não apenas quando se pensa nas coleções de objetos quebradiços (como em "O globo da morte de tudo"), nos pedaços de casas (de "Ai, pareciam eternas! (3 lamas)"), nos materiais de textura visivelmente conflituosa. Também, em meio aos seus escritos, há os pedaços de coros trágicos ("Mar Morto"), de textos de vária extração ("Carolina"), de trechos de canções populares (em "Vai Vai", "Choro Negro"), que intervêm crescentemente nas instalações. Figurações corais que, no seu caso, apontam para uma espécie de trava crítica à própria objetivação da obra, num processo de formalização dramatizado e redramatizado a cada novo trabalho. Coralizações reincidentes, como as que se verificam na vida cultural brasileira recente, sinalizando, não é difícil perceber, um esforço de figuração de dimensão coletiva, apresentada, por vezes, de modo espectral, como "comunidade ausente" (para empregar expressão de Martin Megevand), e por vezes, no entanto, como falta ativa que, no campo literário, tem intensificado processos de redefinição movidos a formas diversas de prática coral.

***Flora Süssekind é crítica literária, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, professora de Teoria do Teatro na UniRio e autora de "O Brasil não é longe daqui", "Literatura brasileira e vida literária" e "Papeis coloridos", entre outros.**

[Permalink](#)

[Envie](#)

[Compartilhe](#)

[Comente](#)

[Ler comentários \(0\)](#)

Ofertas TAM

Passagens Aéreas com os
Melhores Preços. Acesse e
confira na TAM!

○ ○

[PAÍS](#) [RIO](#) [ECONOMIA](#) [SOCIEDADE](#) [MUNDO](#) [TECNOLOGIA](#) [SAÚDE](#) [CIÊNCIA](#) [CULTURA](#) [ESPORTES](#)
[ÚLTIMAS](#)

© 1996 - 2014. Todos direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.

[CENTRAL DO ASSINANTE](#) [CLUBE DO ASSINANTE](#) [FAÇA SUA ASSINATURA](#) [AGÊNCIA O GLOBO](#) [O GLOBO SHOPPING](#) [FALE CONOSCO](#) [DEFESA DO CONSUMIDOR](#) [EXPEDIENTE](#)
[ANUNCIE CONOSCO](#) [POLÍTICA DE PRIVACIDADE](#) [TERMOS DE USO](#)